
Testemunhos da Expatriação há 50 Anos do Golpe no Chile (Práticas da Entrevista e Novas Memórias Comunitárias)¹

Sebastião Guilherme ALBANO²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

RESUMO

Os 50 anos do golpe de Estado no Chile (1973-1990) faz-se época para refletirmos tipos de gnose e sensações ademais de as representações que o evento suscita. Nos basearemos em trações da teoria da “retórica da temporalidade” enquanto “retórica da memória”, tensão oriunda da noção de “três presentes” de Paul de Man e Jacques Derrida (2008), que posiciona uma crítica à dialética e recalca o conceito de “representação do presente”, um questionamento aos estatutos representativos, em especial em suas modalidades de entrevista, testemunho e espetacularização, animadas por entidades técnicas.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho; memória; representação; expatriados; Chile

INTRODUÇÃO

Os 50 anos do golpe de Estado no Chile (1973-1990) faz-se época para reativar gnosos, sensações e demais instituições que porventura advierem do evento no texto, alcançado do método e de alhures. Fizemos suposições a partir da “retórica da temporalidade” enquanto “retórica da memória”, tensão oriunda das noções de “três presentes” e “*experiences of consciousness*” de Paul de Man e Jacques Derrida (1979; 2008) que esticam o fio crítico à dialética e descambam no conceito libertador de “representação do presente”, uma práxis de questionamento às condições de presença, entre elas as da representação, em especial em seu fulgor de espetáculo e sua reiteração condicionada pelo utilitarismo e limites do mercado dos signos, daí sua dependência da *retoricidade* do factual, da anamnese e dos semblantes, adrede combinada com uma gramática do sujeito (de Man fala em retórica do sujeito, mas igualmente estima uma gramatização da retórica, *Idem*, p. 05-19, sinal que nos concede a combinação). No que concerne aqui, o testemunho de quatro chilenos com média de 55 anos ofertado no primeiro semestre de 2023 a propósito das reminiscências, em suas memórias, em talhe privilegiado de elocução, dos experimentos do processo de excepcionalização do governo *de facto* de Augusto Pinochet entre 1973 e 1990 e sua performance até o momento de suas falas foi, sob certo prisma, endereçado consoante questões

¹ Trabalho apresentado no GP Pensamento Comunicacional e Cultural Latino-Americano, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² Professor da graduação e pós-graduação do Curso de Comunicação Social da UFRN.

equivalentes pré-estabelecidas por nós (Tiago Lima e Sebastião Guilherme Albano) em uma entrevista-padrão para arguição daqueles sujeitos epocais (mais ou menos 55 anos de vida aos 50 do *revolução* conservadora), a partir de agora referidos tanto como sujeitos, testemunhos, agentes, atores sociais ou entrevistados. Todos esses entes estão plantados no terreno da referência (são referentes) e da autoridade (são autores), uma fisionomia momentânea entre o passado e o futuro, fugidias e vivenciais e para além dos depósitos de poder que a vitimização da história *marmórea* lhes conferiria; todavia, a consecução testemunhal desempenhou-se como uma interpretação opaca de um outrora empírico que se incumbe como experiência do verbo. Seus ressaltos nas respostas ressuscitaram ou instituíram indagações acerca dos acontecimentos, algumas com simples formulações controversas na arena opinativa pública internacional e no pensamento humanístico: a *causa mortis* de Allende, o apoio norte-americano e do bloco soviético, o Chile como laboratório neoliberal extremo, a condição de refugiado, o comportamento de comunidades no exílio (no caso, três deles no México e a manutenção de um desterro no interior da jurisdição nacional chilena), novas composições familiares, fratrias várias etc., as representações que a imprensa e as artes fatalmente condicionaram, o já reputado interregno repressivo, os foros políticos remanescentes no país tornado por decreto economicista e totalitário, o hirto autobiográfico do ato reflexivo de recontar e de imaginar, talvez aquilo que de Man problematizou como “the reconciliation of fact and fiction” (1979, p.18). Essa última controversa é o espírito destas linhas.

As relações que decretaram sob esses enclaves deram azo a distintas velocidades, ciclos e proximidades intelectivas e sensoriais transidas em negócios entre suas proposições/impressões/opiniões respaldadas e a enviar sobretudo uma audiência convencida (a multidão ou a *opinião pública*), por um contrato de leitura *ideológico*, de um *fim do evento* ou da efeméride jornalística (*como* o cerrar de um enredo de uma série de TV, daí suas afinidades com as narrativas espetaculares) ou mesmo do fecho de um período histórico monumental, a ereção de um busto em bronze para sagrar a heroicidade da nação. (RICHARD, 2000; 2008) Para nós o suscitado foi a hipoteca perene das operações de verdade histórica ou de conveniências por outros discursos, de sua harmonia espaço-temporal e de sua rogativa transparência *sígnica*. Nós os entrevistadores percebemos outros ângulos do fato social e do evento midiático do golpe, portanto cremos lograrem redecorar lugares comuns dramatizados no calor do

depoimento e auferindo seu *kairós*, sua *pneuma*, em representação do presente, nessa espécie de práxis ou demonstração da experiência interior (BATAILLE, 2021), antes que diante da iminência da coisa (SARLO, 2010, p. 156), afinal as entrevistas foram realizadas pelo *Google Meet*, entremeando simulacros técnicos e simulações comportamentais com ações *do pensamento na fala*.

Por conseguinte provocaram-nos tanto um norte conceitual e prático extraído e vivenciado *nas* e *das* entrevistas/testemunhos (umas e outros) *por* uma e *em* uma posição especulativa e sob a égide dos inescapáveis assujeitamentos discursivos o concertamos desde os depoimentos e das retóricas da temporalidade e da memória, da representação do presente (na triangulação do que surgir das gramáticas que as retóricas terceirizam na experiência da forma). Essa incerta bússola não é contudo contingente e muito menos unidimensional e se nossa pedra angular é mesmo a práxis da memória e a representação que Derrida glosou nas conferências *acerca e para* Paul De Man nos Estados Unidos das quais tomamos fragmentos nos conceitos chave (1986, p.61, “notables efectos de superficie”, “teckhné”; p. 63, “imaginación”; p. 63, 66, “tres modalidades de presente”; p. 67,68, “memoria del presente” e representação do presente, “presencia del presente”, p. 70) ou, melhor, tomamos do mesmo Paul de Man de *Allegories of Reading* (1979, “public speech acts”, “false models”, “poetics of subject”, “authority of reference”, “syntagmatic relationship”, “rhetorically conscious”, “grammatical rethorization”), ela alavanca ainda sentenças dispersas de Nelly Richard (a banalização do passado, 2000 e 2008), de Phillippe Lejeune, Beatriz Sarlo e Michel Foucault (2008, 2001, 1966, os ideários das autobiografias, os *giros*, os lindes), de Georges Bataille, Maurice Blanchot e Giorgio Agamben (2021, 2013, 2015, comunidades e expatriação), de Guy Debord e José Joaquín Bruner (2000, 1992, espetáculo e utilitarismo). Essas proposições estão prenhes de provocações e um quê metaliguístico, metacomunicativo ou mesmo *metafigural* (nosso modelo de entrevista pode ser considerado etnográfico e adotou mesmo a posição enunciativa metaliguística, metacomunicativa, *metafigural* e *semiestructurada*, pelas consonâncias e dissonâncias entre os papéis de testemunhos e vítimas e graus de *no directividad*, GUBER, 2011, p.69-71; nossas *línguas*, expressões idiomáticas, temporal e empiricamente corroboram essa nossa *vontade* de saber, de sentir). Ditas subjacências são mais que residuais e endereçam os sentidos para as *pré* e *pós* disposições e retratos pessoais e comunitários (LAHIRE, 2011) do golpe de 1973 com valorações sociais requestadas pelo assalto a *La*

Moneda no espaço público internacional ou cosmopolita (cosmopolítico, ALBANO, 2010). Circunscrevemos esse feixe conceitual como uma *quase* sobredeterminação acrescida ao *suporte* em que empreendemos o registro, com a ferramenta do *Google Meet*, e aos diferentes estágios de vizinhança dos sujeitos causais dos testemunhos com os principais agentes envolvidos no golpe. Em abril e maio de 2023 abordamos as mesmas questões a Ariel Arnal (filho de uma funcionária direta da presidência de Salvador Allende e integrante do *Movimiento de Izquierda Revolucionaria*, MIR, com estreitos contatos com a nomenclatura do Partido Comunista de Cuba; Ariel é professor da *Universidad Iberoamericana de la Ciudad de México*); também a Omar Núñez (professor da *Universidad Nacional Autónoma de México*, UNAM, cujo pai era comunista e ativista à época), a Viviana Paz Arancibia (seu pai era socialista e prefeito de Viña del Mar quando da insurgência regressiva e ela também é docente da UNAM) e a Jeannette Paillán (representante dos povos originários, hoje militante de movimentos mapuches do sul do país e diretora de cinema). Os três primeiros deixaram o Chile e se refugiaram no México (alguns passaram por outros países antes), a última morou no Sul chileno (nasceu em Nueva Imperial, província de Cautín, na região da Araucania e posteriormente estudou em Santiago e retornou ao território onde discerne uma vizinhança ancestral; *sua* expatriação ou exílio é um sintoma fisiológico e identitário singularizado, como ocorre em *O estrangeiro* de Albert Camus. Apenas no XIX a Araucania integrou-se nominalmente à colônia espanhola e à República do Chile).

Alistamos nossas questões abaixo com o intuito de dar massa previsível a seus recalques que logo disporemos nas apurações valorativas a partir (*vindas à tona*) de sua atuação em grandes e pequenos contextos disposicionais, como aludido, do nacional ao individual, entremeados pelos conceitos que também se expulsaram das palavras dos quatro atores e da *situação de pesquisa de campo* por que passamos ao entrevistá-los por redes sociais digitais, uma espacialidade da qual emanam fluxos de pertença outros, quiçá novas cidadanias e novos públicos. Se nossas inquirições foram padronizadas e nossos estímulos durante o processo de inteiração se concentraram em aspectos da memória histórica mais monumental os efeitos semânticos realçaram dissidências e alternativas das imaginações próprias ao ato de falar, recontar e transportar. Eis as perguntas: I. Qual seu nome e idade?/ II. Possui alguma memória de Salvador Allende?/ Como você o enxerga dentro da história chilena?/ III. O que o dia 11 de setembro de 1973 representa na sua vida?/ IV. No dia a dia, qual foi a primeira diferença que, para

você, foi mais evidente após o golpe?/ Existiu algo que te fez encarar, parar para refletir e notar que estava presenciando um momento sombrio para o país e para a história do mundo?/ V. Como era a imprensa e como ela atuava durante o regime de Pinochet e como ela lhe influenciou?/ VI. Como era o "lazer" durante esse período? A literatura, o cinema e as artes no geral foram impactadas?/ VII. Qual foi a maior dificuldade de crescer e se desenvolver num regime que não lhe permite, basicamente, ter liberdade como ser humano?/ VIII. Você possuía grau de parentesco com algum político ou pessoas engajadas em causas políticas nesse período?/ IX. O que te fez permanecer ou sair do Chile àquela época?/ X. Salvador Allende, em suas últimas palavras ao povo, disse: *"Trabajadores de mi patria: Tengo fe en Chile y su destino. Superarán otros hombres el momento gris y amargo, donde la traición pretende imponerse. Sigán ustedes sabiendo que, mucho más temprano que tarde, se abrirán las grandes alamedas por donde pase el hombre libre, para construir una sociedad mejor. ¡Viva Chile, viva el pueblo, vivan los trabajadores! Éstas son mis últimas palabras, teniendo la certeza de que el sacrificio no será en vano. Tengo la certeza de que, por lo menos, habrá una sanción moral que castigará la felonía, la cobardía y la traición."* XI. Hoje, quase 50 anos após o ocorrido, o que ficou de aprendizado para o Chile? Apesar das familiaridades cremos não haver inspiração imediata em *A memória interrompida*, o projeto que Michael Chanan realizou na Argentina e no Chile (2013), assistido por nós após a confecção do projeto, e tanto menos de *Crônica de um verão* (Jean Rouch e Edgar Morin, 1961).

Quadros dos testemunhos/entrevistas por ordem cronológica

1. A mãe de Ariel Arnal (52 anos), o primeiro entrevistado, Lila Lorenzo Soto-Aguilar (nome de guerra Antonia Guerra) era botânica e fazia parte do *Movimiento Izquierda Revolucionaria* (MIR), um braço radicalizado dos Partidos Socialista e Comunista e alcançou o cargo de telefonista imediata no primeiro ano do governo Salvador Allende (1970-1973) por ter formação *militar* relativa à inteligência. Ariel viu de perto Allende quando frequentava a piscina de sua casa com sua irmã; para ele o ex-presidente começou a se tornar um mito no momento em que morreu, algo do que se apercebeu no exílio no México, ao deslanchar-se uma operação próxima à hagiografia, mesma que relatou em estudos científicos (2016). Esse processo de classificação mítica de Allende Ariel pautou com vestígios recolhidos por ele mesmo e alguns assumidamente impossíveis de verificação (em projeto de novo real, ao que se refere Alain Badiou, 2009), em várias instâncias do sistema revolucionário latino-americano da época, de Cuba ao México. "Ele começou a se tornar um mito no dia da sua morte", reiterou já que os laudos coincidem que se suicidou em divergência com o que alguns diretores de cinema e a mesma imprensa durante anos revelaram ou opinaram acerca de um possível assassinato. As memórias de Ariel no entanto flamejam a atuação de sua família e mais do que

ninguém de sua mãe, com papel determinante em sua formação enquanto um tipo de refugiado, exilado ou expatriado em harmonia com suas circunstâncias, inclusive o qual definiu como uma condição glamorosa para os sul-americanos naquele então. “Tenho três nacionalidades”, arremata com simpatia para esse tipo (o novo cidadão multinacional) na qual acresce a Espanha como pátria natural de parte da sua família e uma de suas *adoções* nacionais. Para ele a família no exílio é um quebra-cabeças com peças e valores parentais diversos das posições regulares, pai-mãe-irmãos-tios-avós etc.) e para as acomodações da história nacional em confronto com as fratrias genéticas, malgrado reconheça choques culturais e de deslocamentos de classe, como com a comida mexicana, por exemplo, e o fato de que sua progenitora por vezes obrigar-se a se abster de alimentar-se para que seus filhos fizessem as refeições. Recorda quando sua identidade nacional cindia-se em duas (ou mais peças) e logo se estabilizava no correr da vida empírica. Sua narrativa da fuga de sua casa em Santiago para a embaixada do México, dentro de um táxi, é mais aventureira que melancólica. Seu tom pícaro em toda a entrevista o institui como um sujeito crítico tanto com os documentos ambíguos das transações entre os Estados Unidos e Cuba no período, por exemplo (alude a diversas malversações de ambos os polos do espectro ideológico), como com a noção de santificação do ex-mandatário socialista e a posterior tentativa de Pinochet emulá-lo nessa pedagogia. Confirma enfático o suicídio de Allende e não seu assassinato durante o bombardeio a *La Moneda* em 1973 (sede do governo), e o apoio de Cuba à logística de Allende, sem desviar-se para a apologia de nenhuma vertente. Esse equilíbrio é apostrofado por um episódio trivial em que dona Lila e Fidel se encontraram de súbito no Chile e admitiram mutuamente sua origem galega. Traz à baila o dado de que Augusto Pinochet soia afirmar que “o capitalismo ou o neoliberalismo” eram parte do *dna* dos conterrâneos e que o chefe de Estado de *facto* em contraponto estrategiou sua idolatria a fim de perpetuar sua suposta vitória à frente de uma guerra imaginária, com muitas manipulações de imagem (o que Ariel afirma haver de ambos os lados). Se entre a *situação* decretou-se uma constituição repressiva e ultraliberal, para ele essa linha de normatização pelo *ius* positivo é um hábito em seu país. Episodicamente Ariel se refere ao pintor José Balmes, a músicas de protesto, à gráfica socialista no exílio (aquém da cubana), mas sua fala concentrou-se nas supracitadas controvérsias biográficas de Allende e seu agendamento na mídia e nas epistemes, por omissão como dentro do país ou por inflação entre os desterrados.

2. Omar Núñez, 54 anos, é de Antofagasta, norte do Chile, e seu pai, Omar, como funcionário público sem militância porém com um entorno ativista teve de sair do país em 1977 e ir para a Venezuela; o pequeno Omar voltou posteriormente em idade de cursar História na Universidade de Chile e em 1995 foi para o México. Para ele Salvador Allende tinha a grandeza de Fidel Castro, todavia tentou uma frente nova de cunho democrático para o socialismo no continente e com grande apoio popular a despeito de ser acima de tudo “um intérprete das classes trabalhadoras, pois o movimento de massas no Chile era independente dele, mas ele não o era dos movimentos”. Aos cinco anos de idade foi obrigado a não sair de casa e volver-se observador da circulação de forças repressivas até saber da morte de um primo. Viveu épocas de bloqueios, hostilidades, murmúrios. No plano das artes o cinema nacional deixou de existir (em verdade se trasladou para o estrangeiro), na literatura assomam-khe Pedro Lemebel (um *outsider* completo) e Nicanor Parra, os aportes importantes na música de protesto (Victor Jarra, Violeta Parra, Los Jaivas) e surgiu o movimento do rock latino-americano e o teatro enfrentou a massificação da TV e seu registro ocorria sob a resistência e os jornais foram muito controlados até 1983 e atendiam a um homem novo capitalista todavia pluralizariam sua perspectiva a partir desse ano. Hoje em dia opina que o período de exceção aboliu laços de solidariedade e incorporou o genocídio como elemento estruturante do Estado,

refundado à semelhança das plataformas autoritárias do neoliberalismo. Temperamentos colaboracionistas e conformistas infiltram-se na coletividade e a Universidade do Chile foi protetorado do arrivismo promocional e ares de sociedade capitalista desenvolvida respiraram-se artificialmente naquele então. Foi militante na universidade e acredita ter aprendido muito com essa atividade de oposição menos retórica e avezado na práxis política em um ambiente em que familiares e colegas eram agredidos e suas liberdades cerceadas. Economicamente o neoliberalismo instalou-se com o desmantelamento de políticas sociais e do Estado, a educação *privatizou-se* levando a que ainda nos primeiros decênios deste século, devido a esta e outras permanências de instituições anacrônicas para a democracia, houvesse proximidade de jovens insurgentes para a ampliação dos direitos e tal química compusesse os levantes que ajudaram a eleger Gabriel Boric, de quem mostrou uma foto ao lado de sua irmã. Seu ponto de vista do país foi talvez o mais analítico e distante.

3. Viviana Paez Arancibia tem 61 anos e chegou com 13 ao México e hoje é professora da UNAM. Seu pai, Raul Paez Boggioni, era prefeito de Viña del Mar em 1973 e pertenceu ao partido Socialista (ela compôs as filas da juventude socialista) portanto foi preso e torturado e teve de exilar-se compulsoriamente. O golpe mudou sua vida por completo, sua família privou-se de qualquer ascendência de conforto adquirido, inclusive relações políticas, e trasladou-se a um lugar novo. Com a complacência do presidente Luís Echeverría, “um liberal”, foram auxiliados com moradia e financeiramente até seu pai começar a dar aulas na *Universidad Autónoma de Chapingo*, no estado de Texcoco, em paralelo em que suas irmãs e mãe permaneceram na cidade do México estudando; o emprego de Raul Paez Boggioni durou até uma revolta coletiva na *Universidad Autónoma de Chapingo* em que houve vários desaparecidos e o guiou à destituição do cargo. Dedicou-se doravante a fazer traduções e dar aulas de inglês. Viviana achou a cidade do México muito grande em comparação com Viña del Mar, e sofreu nos primeiros anos com a condição de exilada. Se no Chile depois do golpe as pessoas não mais saudavam sua família na rua, no México esse primado perdurou com um descontentamento com seu *status*, com sinais racistas, ressaltados por seu sotaque e ciclos de assoberbados trâmites migratórios para regularizar burocraticamente seu status de cidadã do mundo, uma expatriada com direitos antevistos em sobreposições dos direitos público e privado nacional e internacional; a comunidade de expatriados foi sua salvaguarda de sociabilidade durante os primeiros anos e, como é praxe entre esse grupo, o viés perdura até a atualidade. Inclusive criaram a *Casa de Chile* para formalizar as reuniões e as festas. Aos finais de ano seus compatriotas celebravam a esperança de regresso. Os chilenos no México continuaram a realizar trabalho político importante e intelectuais como Poli Délano, por exemplo, cuja filha se chama também Viviana e é sua amiga, ademais dos filhos de Violeta Parra. Ela recorda que nas universidades mexicanas vários professores sul-americanos tinham o caráter civil de deportados, refugiados, exilados, expatriados, imigrantes, porém não lhe vem à mente brasileiros. Hoje se considera adaptada ao México não obstante ter um sentido da identidade nacional chilena muito arraigado. Viviana Paez atesta que seu pai e a comunidade conferiram-lhe uma visão mais progressista do mundo, sempre de cunho marxista. Já as artes, como o cinema e a música, projetavam esse ideário também, hoje transmigrado pela pauta ecológica e das minorias sociais que agenda o espaço público mais copado. Entretanto acredita que mesmo com a assunção de Gabriel Boric em 2022, as gerações que nasceram durante o período de exceção não têm consciência de um modelo mais solidário de sociedade em face da dinâmica de terror que obstrui os sentimentos mais liberadores, logo “há mais medo que lembrança”, para ela. Com certo orgulho perfaz a figura de Salvador Allende como uma fonte infinita de sentidos e

significados e mantêm distância da efígie política de Fidel Castro; remarca que Allende chegou ao poder por vias democráticas depois de várias tentativas ao contrário do herói cubano que o inspirou.

4. Jeannette Paillán é cineasta e militante mapuche, maioria étnica do Sul da América, não deixou o Chile durante a ditadura senão que se mudou para Santiago a fim de estudar e morou em bairros periféricos. Sua família chegou a discutir sair do país cancelando em seguida o projeto. Observava o exército passar próximo de sua casa e seu discernimento da *Unidad Popular* (coalizão de esquerda que elegeu Allende em 1970) aconteceu paulatinamente e intermediada pela dor e o medo da hegemonia da nova fratura na história da região, para ela prenhe de outros momentos semelhantes. Percebeu aos poucos tratar-se de um projeto de socialismo à chilena, sem violência, roto pelo golpe que redundou em muita tensão e polarização. Os integrantes da sua geração e condição social no país sinalizam outros momentos de cisão constitucional no que tange à violência contra minorias ou mesmo trabalhadores, o próprio Estado nacional chileno foi fundado com métodos de desterritorialização em sentido amplo, isto é, para além da propriedade ancestral ou cultural ou mesmo no que tange à renovação de valores jurídicos, como o direito à manifestação coletiva e ao uso das cidades. A última demonstração desse procedimento teve lugar em 2019, durante o governo de Sebastián Piñera, ao atrofiar revoltas estudantis. Seu povo nacional originário foi foco de muitas investidas de exércitos ocidentais ou ocidentalizados ao longo dos últimos séculos. Jeannette afirmou que sua conscientização deu-se por meio do cinema, notadamente por documentaristas como Patricio Guzmán e Pablo Salas, afora um formato de programa em vídeo, *Teleanálisis* (não tem certeza do título, mas confirmamos na internet) que circulava em VHS e continha cenas censuráveis pelos órgãos oficiais. Essa foi uma prática subversiva que mais que alinhar o país com as vanguardas dos terceiros cinemas, foi um modo de uso guerrilheiro das câmeras de super 8 e de vídeo. Nas universidades os jovens debatiam os temas representados por esses registros imagéticos e desenvolveram outra memória que não a mnemotécnica dos meios convencionais e oficiais. O cinema ou as imagens técnicas portanto tornaram-se sua principal maneira de lidar com situações que provocavam discrepância com a realidade factual, modalidade de interpretação e reinterpretação que denominou de esquizofrênica. O flanco dos direitos humanos foi acessado pelas vias do vídeo e do cinema documentário, produzidos de maneira independente e distribuído por estruturas paralelas: “me tornei reflexiva e questionadora” e seu espaço de convivência eram comunidades muito combativas. Depois de formar-se fundou o festival FicWallmapu e chegou a um cargo executivo no governo de Gabriel Boric em sua região porém desistiu e voltou à vida civil e ativista. O festival, formato prestimoso, corresponde as suas estratégias de lidar com a história e a memória, por ser uma aparelhagem de documento e prolongamento da necessidade de aquisição de direitos de povos minoritários. Arremata que a apesar dos esforços a sociedade chilena aprendeu pouco e pode reincidir em afetos autoritários coletivos.

Intertextos sobredeterminados por conceitos e experiências e vice-versa

Os leitores não de reputar nossas práticas da entrevista com uma réstia etnográfica pela distância cultural relativa da comunidade focal e do cunho testemunhal encerrado nas biografias dos atores, dois deles achegados fisicamente a Salvador Allende, três afeitos à política partidária por ele canalizada na presidência e uma cidadã em formação política que não o conheceu pessoalmente, tampouco sua família mantinha

fortes adesões partidárias nas cercanias do golpe de setembro de 1973. Adiantamos que essa técnica deve ser acrescida de contextos de encontros *de campo*, como novos meios de registro (o *Google Meet*) e todas a sorte de imaginários, ruídos e clivagens que a ferramenta propõe e ainda nos é inescrutável teoricamente, em que pese descansar nos âmbitos da composição das imagens e dos sons digitais e daí de suas ideologias ou ideologia comportadas então nas humanidades digitais (LATOURE, 2016). Aqui realçaríamos se conviesse os lindes da imagem com a memória e suas variantes tecnológicas; não obsta que latentemente interroguemos a ferramenta pelo entrelugar que ocupa em meio ao imediatismo da TV como conhecemos e a desmesura intolerável dos fatos, entre uma e outra experiências (como mais ou menos assinalou Sarlo, 2010 p. 151). Pontuamos essas heranças etnográficas com a função autobiográfica que o testemunho reivindica (Lejeune e seu pacto autobiográfico ainda escassamente consubstanciado na definição: “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade”, 2008, p. 14), sempre e quando não percamos de vista que os temários da representação se impõem indiscretamente em talhe de ação e reflexão de fala, de uma recuperação memorial em presente e também teórica, isto é, preconizando um arquivo, uma prosopopeia histórica e memorialística de onde uma comunidade e um futuro fulguram em toda manifestação, destarte a relevância da concepção de retórica, de lei, (Paul de Man e sua gramatização, 1979; Derrida e a tropologia do sujeito, 2008, p. 36; Foucault e a representação como um signo dobrado, 1966) se entrelaçar com a experiência (BATAILLE, 2021), algo que alude ao movimento que partiria do pré-linguístico, com a sensação e a ação, e sua consequente materialização representativa do presente, afora as comutações de indivíduos a coletividades, das semelhanças às diferenças e vice-versa.

Se garantimos de largada vestígios de Derrida e de Man em nossas práticas da entrevista e nos testemunhos e também inscrevemos mais que colateralmente Philippe Lejeune nesses costados, o Foucault de *A palavra e as coisas* (1966) confere à *representação* um papel eminente na sensação, no conhecimento e no reconhecimento dos signos, e tanto em nossas matérias como nas que ele analisa surgem porventura a partir das *dobras* que, tal qual na *novela autobiográfica* em que Alonso Quijano é agente e paciente e cujo autor empírico é Miguel de Cervantes, uma fresta para a autonomia da linguagem em liga com o mundo ou no melhor dos casos a captação de

coincidências quaisquer (um novo real, tal como Alain Badiou, 2009, confere aos processos de verdade preditos pelo cristianismo. Cabe o comentário que São Paulo, seu protagonista, era um tipo especial de refugiado ao apartar-se dessa condição total ao comprar sua cidadania romana. Já os vincos da imaginação seguem o que Derrida congraça com a produção temporal de um motivo, um *locus* com três presentes, aludindo a de Man). A coincidência encontrada por Foucault nos livros publicados entre 1605-1615, uma *descoberta* de nomes para aparências novas ou nem tanto, deve granjear sua soberania em desfavor do nominalismo prévio à interação, quiçá maquinadas pelas reproduções em série que a imprensa propiciou e à divisão dos saberes e conhecimentos em disciplinas (epistemes e *teckhné*), até à consolidação das corporações de ofício e da leitura privada e silenciosa. Se em *Seis personagens em busca de um autor* (2023) Luigi Pirandello emparelhou dimensões de autoridade e dramatização, os dois quixotes transladaram essas especificidades, um leitor delirante e um autor de si mesmo ignoto *coincidem*, o que mais tarde seria igualmente o modelo das analogias que o espetáculo propõe como esquecimento das diferenças (DEBORD, 1997) por intermédio de imagens do mesmo. Para as comunidades chilenas de oposição, tanto os exilados e aqueles *objetos* ou *passíveis* de juízos *legais* retrógrados dentro do território nacional (minorias étnicas), a ordem de apreensão e representação do comum da humanidade e da cidadania afetou-se digamos em negativo e produtivamente, em face do ineditismo da circunstância do tecno-governo propício aos parâmetros neoliberais, donde os livros de o Quixote editarem um veterano paradigma. Jeannette Paillán assumiu-se enquanto militante (minorias étnica e cineasta, funções comuns e universais) devido a sua interpretação enquanto público de documentários (referiu Patricio Guzmán) e fitas em VHS (com imagens de ação direta, nomeadamente de Pablo Salas, avocando haver outros nomes afins; indagamos Angelina Vázquez, Pedro Chaskel etc., parte deles pertencente ao grupo de *Ictus TV*, antes do canal 13 da *Universidad Católica*, emissora transformada em 1973); deduz-se que o bairro em que vivia, ao que denominou de aguerrido na entrevista/testemunho bem como a estada universitária que desfrutou, macrocontextualizaram essa singularização menos reificada da sua conjuntura longa de subalternidade étnica. Uma tal passagem não é naturalizada, isto é, sua condição de classe e raça não a encaminhou sem escalas vivenciais (ou mediadores e intermediadores) a uma representatividade combativa da cidadania mapuche como promessa que se apresenta sem outros pilares, conquanto em sua fala

essas estações foram apropriadas. Tome-se o Chile como um país de maioria étnica vernacular-espanhola (para simplificar) e com proporção importante de classes *deficitárias* (classes médias instáveis). Considerando os documentários uma espécie de *gestão* mais democrática do empório das imagens (Michael Chanan distingue o gênero como promotor de cidadania, 2008) suporíamos que sua implicação no sujeito dissente em que se tornou a agente social requereu outras fontes dispositivas, comparativas às vezes, sintagmáticas sempre. Quando ponderamos a oferta audiovisual da TV e do cinema chilenos ou exibidos no Chile no período, esse outro que indica toda conformação identitária coagulou-se em seu ofício de cineasta mapuche ativista e diretora de um festival de cinema de povos originários, uma representatividade avaliadora que exige instituições minimamente consoantes com a objetivação e a materialização do chamado mundo da vida.

No exílio essa reflexão (entre transformadores e derivativos) dos signos representativos da nacionalidade chilena serviu-se em Ariel Arnal e Viviana Paez arrogando-lhes faces múltiplas de exprobo da solicitada *cultura mexicana* juntamente com um certo apagamento da cultura viva. Se o primeiro sentiu-se motivado pela recepção dos colegas de escola, a segunda percebeu reações discrepantes (inclusive racismo em que pese a estatura político-representativa de seu pai antes do degredo, *alcalde* de Viña del Mar). Não obstante em ambos o *ser* chileno passava pela reprodução dos progressivamente mais modestos índices que sua comunidade de refugiados convocava *a* e *da* distância intermitente: o socialismo democrático (abortado) e o heroísmo (ou martírio) político de Salvador Allende, ao fim, uma refiguração desses pilares, não uma *desfiguração*, um *defacement* (de Man, 1984). Contudo eram representações mais em modo positivo nessa corrente identitária e suas façanhas tinham um grau de asserção fisiológica, da corrente da vida cotidiana. Assim os assentam ambos nos testemunhos. Omar Nuñez, por seu turno, um exilado múltiplo (refugiou-se na Venezuela, uma excrecência política do Estado militarizado, portanto, como os demais, uma *amostra* do melhor de suas pátrias, segundo Agamben, 2015, p. 23-33, e logo de voltar para estudar no Chile ao final da ditadura autoasilou-se no México) em suas respostas e testemunhos a partir de uma cidadania *mexicanizada* (em verdade estava em Viena, Áustria, gozando uma licença da UNAM quando nos concedeu a entrevista) manteve uma eticidade chilena menos emotiva, com signos epistêmicos sobrepujantes, representações mais calculadas com linhagem acadêmica de explanação,

alcançando uma síntese quase histórica das conjunturas por que passaram os quatro. Seus alvos de atuação crítica foram até às reformas do Estado chileno, à centralização dos antigos camaradas socialistas na *Concertación* instrumental de fins de 1980 e uma tênue referência ao populismo latino-americano e às iniciativas progressistas de Gabriel Boric, de quem, para confirmar as ambiguidades sígnicas enquanto exilado chileno não passivamente afeito às regências identitárias que Boric recolhe na arena política como cimento de seu governo, exibiu em um ato de orgulhoso saudosismo uma foto do atual presidente com sua irmã.

Beatriz Sarlo em *Tiempo presente* (2010, p. 150) discorre acerca de monumentos e documentos da memória nacional argentina cuja história seria embasada doravante por *Nunca más* (1984), um relatório com fontes primárias e de segunda mão e demais (com proliferação de sistemas sígnicos de validade jurídica). No Chile os *informes* mais influentes foram o *Rettig* (1990-1991) e o *Valech I e II* (2003-2004-2011). Tangenciam, como exemplos escusos, os discursos empregados para as nossas ações com as entrevistas, por encimarem limites de signos, complementarem-se em um escopo testemunhal entre o jornalismo, a biografia e a autobiografia e caminharem para o posto do quase exemplar para nós também. Na conclusão relativizaremos essa proeminência desses *monumentos da memória*. Pois bem, os quatro sujeitos como fonte de informações (informantes imediatos, arquivos vivos, termos caros à sociologia e à antropologia) e sensações assim o comprovam *in praesentia*, organismos mnemônicos, vultosos na coerência e indicações causais e factuais que o dispositivo da verossimilhança interdita nas projeções dos personagens/atores em autobiografias verbais ou audiovisuais enclausuradas em um gênero como lei (quando o pacto de leitura se consolida, salvo as experiências já citadas Salas, Chaskel, Vázquez, tem outras gradações). A comunidade enquanto atributo de empatia, de simpatia ou de algumas verdades de sujeitos coletivos, ou intersujeitos, mais que afirma esse presente do pensamento representativo do testemunho, simultaneamente aqui e alhures, hoje e outrora, sobrepõe-se à metonímia de cada uma das partes dessa obra aberta pelas temporalidades e durações. Omar Núñez conserva o caráter verbal na medida das humanidades (da *longue durée* de seu vocabulário especializado: partidos, estado, grêmios, sociedades), enquanto Jeannete Paillán o faz pelas durações da sobrevivência, do documentário enquanto articuladores sem limiães e nas alusões de suas obras contra o nacionalismo atribuído pelo Estado em seus pilares educativos e militares; ambos

côncios de sua potência de arquivo da dissidência para um público dissidente antes, agora e em seu destino. O intelectual domina um tempo prescrito e reproduz a sua espera de sacar-se de sua reiteração disciplinar enquanto em que o fito da cineasta é *desespetaculizar* o ciclo histórico garantido que as imagens dos brancos, dos claros, dos mestiços urbanizados almejam cunhar nas telas mais racionais provindas de uma forma-Estado; jamais se apartam de suas convicções assujeitadas para contar e descontar histórias; contudo, Omar não propõe técnica desconstrutiva (DERRIDA, 2008) em suas zonas *grises* de interesse e opinião e Jeanette não empunha ou promete uma arma documental para a conscientização e libertação, asilam-se no premente e na ação ordenada na eticidade contemporânea (os últimos 50 anos); seus instrumentos epistêmicos são universais; apresentam-se como novos cidadãos e novos formuladores de políticas (exilados das nacionalidades do Estado e da surda legislação das visualidades. Ariel Arnal e Viviana Paez ofertam uma defasagem moral em seus atos de fala ao construírem um edifício afiado da participação direta em supostas utopias, ou utopias totais, das quais desejam e não conseguem se ver livres, no fim das contas destinados ao confino dos passados e seus prismas verossímeis de projetar-se discursivamente. Ela e sua família, em que a figura/função de seu pai é proeminente e assombrada pela disforia, sobreviveu ao desarraigo do alento socialista de Viña del Mar (a junta militar obrigou-os a deixar a placidez espiritual) e ele desfruta do rol que instituições errantes e cosmopolitas prometem em sua condição de apátrida (estudou no México e na Espanha e é docente em uma Universidade jesuíta do México). Portanto os quatro apresentam e representam lembranças da infância, adolescência e adiante enquanto membros de uma comunidade de exilados sob um dramaticidade autobiográfica com longitudes de memória e relevância dos assuntos do espaço público em sequências mais ou menos descritivas e narrativas, mais ou menos em primeira pessoa ou em interpelação de desdobramento de segunda ou na autoridade das terceiras pessoas (nos pontos *mais biográficos* em torno do assalto de *La Moneda*, ou do influxo da Guerra Fria, das organizações que o Estado chileno promoveu dentro e fora do país, sabidamente conservadoras, de extremos economicistas e pouco democráticas).

CONCLUSÕES PROVISÓRIAS

Como infirmamos linhas acima nos desembaraçaríamos da especial seriedade da narrativa histórica que a efeméride dos 50 anos propõe como um exemplo, uma lei, que

Sarlo ressalta no giro autobiográfico em especial das literaturas baseadas nos *reportes oficiales* (o verbo do certificado epistêmico, o verbo figurado mais causal das reportagens e o mais entramado dos romances, servos da verossimilhança), e se compartilhamos esse lastro espesso como um epitáfio, um ponto final, há filmes realizados a distância e mais que figurar apenas, descarnam ou desclassificam aquelas representações das gnosés e sensações que porventura advierem do evento e do testemunho nos ajudam a apreender a alma dos estados de exílio aos que remetemos, extraída precisamente do testemunho. Abundam documentos verbais comprovatórios para os chilenos e cremos que sua qualidade de *parangon* é intermediada por reflexões do reconto e da imaginação (tal a parte *naive* das intenções das perguntas que elaboramos subvertidas pelos testemunhos; ou os *semi-estruturados* filmes do *cine del exilio*) e por que não por uma feição de audiovisual afim porém captado por estrangeiros para além da contiguidade da autobiografia nacional senão com as cavidades dos espectadores ou dos públicos que produzem uma releitura de representação do presente (mesmo que muito alegórica), condições de testemunhos de segundo grau, ora transformadores como em Chris Marker acerca do trauma (*La embajada*, 1973) ora derivados narrativos como *Missing* (Costa-Gravas, 1982) ampliando o panorama de entradas nessa enciclopédia dos golpes sul-americanos durante a Guerra Fria.

Nossos quatro entrevistados/atores sociais trouxeram à baila em testemunhos inflexões a reavivarem e reinventarem um *continuum* sensório e sobretudo intelectual ao espelharem qualidades de conhecimento e organização da experiência como um choque alargado a fixá-lo como constante. Conforme as perguntas, tangenciamos a literalidade das palavras desses atores, sua aura individual e autobiográfica e as implicações ou extensões nas práticas sociais discursivas mais relevantes para eles. Descobrimos em nossa entrevista e seus comentários as fisionomias expressivas dos meios de comunicação (jornais, TV, cinema e *as artes*) em nexos com a memória e as opiniões e conclusões que se dispuseram em ângulos vários. Ariel, Omar, Viviana e Jeannette mostraram-se singularizados com duplo nível de *factualidade* (são referentes eles mesmos e o fato ao que rememoram e o ato de depor acerca *disso*, a performance – “representação do presente”), em “metacomunicação”, entramando com a “retórica da temporalidade” e a “retórica da memória” o acento do neoliberalismo e da industrialização da cultura. Antes aventaram moléculas de cooperação entre instâncias enunciadoras e organizações que sob leis mais ostensivas sobredeterminaram o fato

social do golpe menos do que propomos, a saber, emergir como um organismo uno e vivo, com certa unidade de sentido genealógica conquanto motora e aberta. Por exemplo, todos acordaram as similitudes das séries institucionais da ruptura e no retorno à ordem democrática e da não subversão das diretrizes do Estado nacional, conquanto reconheceram e vigilaram expectativas de consciência e imaginação, frêmitos das presenças no além de uma democracia em que a pluralidade não pulverize os termos das combinações das igualdades cidadãs básicas, operação cuja mera intenção já seria um alento.

REFERÊNCIAS

ALBANO, S. G. “Cosmopolíticas, meios e virtualização da América Latina”. E-compos.org.br. v. 13 n. 2 (2010). Disponível em: [Cosmopolítica, mídia e virtualização na América Latina | E-Compós \(e-compos.org.br\)](#). Acesso em 01 de julho de 2023.

ARNAL, A. **El cenotafio de la memoria**. Historia y conciencia en la *Batalla de Chile*. Catalunha, Cidade do México: URV; Simo, 2016.

BADIOU, A. **São Paulo**. A fundação do universalismo. Trad. de Wanda Caldeira Brant. São Paulo: Boitempo, 2009.

BATAILLE, G. **A experiência interior**. Trad. Antonio Hall e Lurdes Júdice. Lisboa: Edições 70, 2021.

BRUNNER, J. J. **América Latina, cultura y modernidad**. México: Grijalbo/Consejo Nacional para la Cultura y las Artes, 1992.

CHANAN, M. *El documental como fenómeno mundial*. Ponencia dada por Michael Chanan en la escuela de verano sobre el documental latinoamericano en Bielefeld, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/zoroa/OneDrive/Escritorio/CAPACITACAO2024/Michael%20Chanan%20%20%BB%20Documentarist,%20writer,%20teacher.html> - [Espanol » Michael Chanan \(mchanan.com\)](#). Acesso em: 22 de junho de 2023.

_____. *Interrupted Memory*, 2013. Disponível em: <file:///C:/Users/zoroa/OneDrive/Escritorio/CAPACITACAO2024/Michael%20Chanan%20%20%BB%20Documentarist,%20writer,%20teacher.html> [Interrupted - Memory » Michael Chanan \(mchanan.com\)](#). Acesso em 23 de junho de 2023.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

DERRIDA, J. **Memórias para Paul de Man**. Trad. Carlos Gardini. Barcelona: Gedisa, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A palavra e as coisas**. Trad. Antonio Ramos Rosa. Lisboa: Portugalia, 1966.

GUBER, R. **La etnografía**. Método, campo y reflexividad. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**. Disposições e variações individuais. Trad. Didier Martin e Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUR, B. **Cogitamus**. Seis cartas sobre as humanidades científicas. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: 34, 2016.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. De Rousseau à Internet. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

MAN, P. **Allegories of Reading**. Figural Language in Rousseau, Nietzsche, Rilke, and Proust. New Haven, Londres: Yale University Press, 1979.

The Poethics of Romanticism. Nova York: Columbia University Press, 1984.

PIRANDELLO, L. **Seis personajes en busca de un autor**. S/Tradutor. Disponível em : [seis_personajes_en_busca_de_autor_pirandello.pdf](#). Acesso: 29 de junho de 2023.

RICHARD, N. **Políticas y estéticas de la memoria**. Santiago: Cuarto Propio, 2000.

“Con motivo del 11 de septiembre de 1973: notas sobre *La memoria obstinada* (1996) de Patricio Guzmán”. In: RICHARD, Nelly (Ed.). **Debates críticos en América Latina, 3**. Santiago: Cuarto Propio; Arcis, 2008, p. 175-181.

SARLO, B. **Tiempo presente**. Notas sobre el cambio de una cultura. 2 ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.